

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Humor e Republicanismo no Eclipse do Império

Maria da Conceição Francisca Pires*

Resumo: O artigo analisa as manifestações de crença nos ideais propulsores do republicanismo, presentes na produção humorística do caricaturista Ângelo Agostini. O italiano Ângelo Agostini se tornou referência na imprensa satírica brasileira da segunda metade do século XIX pela forma como utilizou seu ofício na defesa da causa abolicionista, na exposição dos conflitos sociais existentes e na crítica de determinados vícios e práticas políticas. A análise se centrará nos periódicos ilustrados O Mosquito (1869-1877) e a Revista Illustrada (1876-1898), assinalando as referências críticas com relação às ações do Estado e de seus representantes no parlamento.

Palavras-chave: monarquia, republicanismo, intelectuais.

Abstract: The article analyzes the manifestations of belief in the propeller ideals of the republicanismo, gifts in the humorística production of the caricaturista Ângelo Agostini. Italian Ângelo Agostini if became reference in the Brazilian satirical press of the second half of century XIX for the form as he used its I officiate in the defense of the referring to abolitionism cause, in the exposition of the existing social conflicts and in the critical one of determined vices and practical politics. The analysis will center in periodic illustrated O Mosquito (1869-1877) and A Revista Illustrada (1876-1898), designating the critical referencias with relation to the actions of the State and its representatives in the parliament.

Key Words: monarchy, republicanismo, intellectuals.

Durante a pesquisa que ora venho desenvolvendo sobre semanários humorísticos que circulavam na capital fluminense no século XIX, chamou-me a atenção o tratamento dado às questões de cunho político nas revistas: “O Mosquito” e “A Revista Illustrada”. É fato que a política era um tema importante para grande parte dos leitores que não só acompanhavam de forma intensa as discussões travadas no parlamento, como participavam ativamente das sessões e reuniões no Parlamento. Essa importância dada aos problemas políticos do país talvez explique a preponderância desses temas entre os caricaturistas que, em muitos casos, se apresentavam como comentaristas e/ou narradores que buscavam no conhecimento dos leitores a chave para suas notas.

* Doutora em História Social e Pesquisadora Bolsista da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Em comum O Mosquito e a Revista Ilustrada revistas apresentam dois aspectos importantes, além do explícito posicionamento crítico com relação às ações do Estado e de seus representantes no parlamento: o significativo tempo de circulação, quando comparado às demais, e as contribuições artísticas (em diferentes momentos) do caricaturista Ângelo Agostini.

O italiano Ângelo Agostini se tornou referência na imprensa satírica brasileira da segunda metade do século XIX pela forma como utilizou seu ofício de caricaturista na defesa da causa abolicionista, na exposição dos conflitos sociais existentes e na crítica de determinados vícios e práticas políticas. Após uma significativa atuação na imprensa ilustrada paulista, nas revistas Diabo Coxo (1864-1865) e no Cabrião (1866-1867), Agostini se instalou na capital do Império no momento de expressiva transformação e amadurecimento da imprensa, se integrando prontamente à tendência liberal que se avolumava naquele momento e ao confronto estabelecido com as revistas e jornais conservadores que não poupavam linhas para defender a Monarquia.

Antes de colaborar nas revistas citadas Agostini demarcou seu espaço na imprensa ilustrada carioca através de sua participação nas revistas “O Arlequim” e “A Vida Fluminense”. Na primeira revista sua participação se destacou pela abordagem a respeito da questão da manutenção da escravidão no Brasil e as contradições inerentes à mesma. Já na Vida Fluminense se sobressaiu o tratamento crítico dispensado à Guerra do Paraguai, representando um expressivo contraponto ao discurso nacionalista oficial. Basicamente o que foi colocado em questão, sobretudo nas estampas que tratam das arbitrariedades cometidas para o alcance da vitória sobre Solano Lopez, foi o desempenho do Estado durante a guerra, dando indícios de um progressivo descrédito do artista com o governo Imperial e com as práticas políticas por ele alimentadas.

Sua contribuição na Vida Fluminense se encerrou em novembro de 1871 e em janeiro do ano seguinte Agostini assumiu a direção d’O Mosquito (1869-1877), fundado pelo seu sucessor n’A Vida Fluminense, Cândido de Faria. Diferentemente d’A Vida Fluminense, O Mosquito se apresentava como um jornal caricato e crítico, sinalizando para a adoção de uma postura contestatória.

O perfil da revista se evidencia na primeira apresentação do personagem guia da folha ao público chamando-o de “povo soberano”, fazendo uso de um dos preceitos regentes do movimento republicano: a idéia de soberania¹, algo jamais ventilado no Brasil Imperial.

¹Consta na primeira página do Manifesto Republicano de 03 de dezembro de 1870, publicado no jornal A República de Quintino Bocayuva, a seguinte assertiva: “Não reconhecendo nós outra soberania mais do que a soberania do povo, para ela apelamos.”

Ao mesmo tempo tal recurso, de oferecer aos leitores o poder supremo, fortalecia o compromisso da revista com os mesmos e reforçava o seu caráter independente. Trata-se, portanto, não só de definir a linha adotada pela revista, mas também de intervir de forma irônica nos debates que tomavam conta da ordem do dia no parlamento referentes às necessidades de reformas políticas e sociais.

O grande tema do qual se acercou O Mosquito durante a estada de Agostini na revista foi a questão religiosa. Através do debate sobre a relação entre Estado e igreja no Brasil, Agostini não só problematizou a influência da igreja romana na política imperial, mas, sobretudo, pressionava por mudanças amplas no Estado brasileiro que favorecessem a superação de instituições consideradas pelo artista tão obsoletas quanto a escravidão. Também através da abordagem da questão religiosa Agostini fez sobressair a discussão sobre a liberdade como a religiosa e direitos civis, freqüentemente desrespeitados no Brasil, o que conduzia ao problema da cidadania (ou da ausência de cidadania) no país.

N'O Mosquito Agostini conseguiu consolidar seu espaço na imprensa caricata do século XIX. Em setembro de 1875 ele pôs termo a sua participação naquele periódico e partiu para a criação de um projeto editorial com um caráter marcadamente autoral e com um cunho empresarial mais sofisticado. Este projeto se expressou na criação da Revista Ilustrada em janeiro de 1876.

A principal marca da Revista Ilustrada foi a ênfase na noção de independência que se fundava tanto na noção de imparcialidade como na de liberdade partidária ou ainda de autonomia empresarial. Na condição de proprietário Agostini buscou valorizar o vínculo estabelecido com seus leitores e assinantes como o aspecto que o distinguiria dos demais periódicos. Este caráter autoral, independente e crítico da revista foi ressaltado logo na primeira capa onde consta, além do nome de Agostini, a propriedade da oficina litográfica onde eram impressos os números da revista. Também na primeira capa da Revista foram fixados seu programa, princípios, alvos e público leitor.

A frente da revista apresenta-se o personagem Don Beltrano, uma espécie de alter ego do próprio caricaturista que tenta representar a neutralidade do artista perante a cobertura dos fatos, compondo uma revista cuja postura e atividade a transforma numa empresa jornalística que transcende o mero entretenimento.

A postura politizada se aguçou na Revista Ilustrada que, como sugere o lema utilizado “liberdade, igualdade e imparcialidade”, buscava atuar de forma independente rejeitando vínculos comerciais, empresariais ou partidários. A propalada independência da Revista causou forte impacto no meio editorial, como se depreende da análise do debate que

se instaurou imediatamente após sua inauguração, especificamente em no Jornal do Commercio de fevereiro de 1876, sobre os limites a serem impostos às sátiras presentes em determinadas revistas ilustradas.

Além de assinalar questões referentes a liberdade de imprensa, a contenda oferece elementos para que se defina a natureza do tipo de humor produzido na Revista Ilustrada: distante de interesses meramente mercantis ou recreativos. Conforme Agostini, a junção entre entretenimento e informação com responsabilidade garantia a resposta positiva do público ao seu projeto, bem como o seu sucesso editorial.

A partir dessa controvérsia Agostini assumiu de vez a responsabilidade pública pela Revista, extinguindo aos poucos o personagem Don Beltrano, passando a responder e assinar em nome da Revista. Foi priorizando um texto e um desenho livre de amarras que Agostini abordou na Revista os problemas cotidianos que afligiam a cidade (doenças, insalubridade), a expansão do movimento abolicionista e questões referentes a cidadania política e social.

A respeito desse último tema chamou-me a atenção a cobertura jornalística que o artista fez do episódio conhecido como Revolta do Vintém, ocorrido entre os meses de dezembro de 1879 e janeiro de 1880 na cidade do Rio de Janeiro. A revolta, liderada pelo jornalista e liberal republicano Lopes Trovão, consistiu num movimento popular, de caráter contestatório, contra a cobrança de um imposto no valor de 20 réis para o tráfego de passageiros nos bondes da cidade. Os protestos se organizaram em torno da aplicação do dinheiro e a forma como este seria arrecadado, ou, nas palavras de Agostini, “na ação criminosa do Estado”, já que o dinheiro arrecadado destinava-se inteiramente aos cofres públicos.

O aspecto marcante nesse evento foi o fato de trazer para a pauta de discussão dos homens livres e pobres, no mesmo momento de ascensão, depois de dez anos afastados do poder, de um gabinete liberal liderado pelo Senador e Conselheiro João Lins Vieira da Cansação de Sinimbu, princípios liberais ainda pouco discutidos entre os mesmos naquele momento, como a defesa das liberdades civis e individuais contra o poder arbitrário do Estado.

Dado o impacto desse episódio Agostini fez a opção de produzir suplementos especiais que acompanhariam de forma mais detalhada o desenrolar dos acontecimentos, dando ao seu leitor uma visão minuciosa do que estava ocorrendo. A cobertura de Agostini colocou em relevo três aspectos específicos: em primeiro lugar, a capacidade de organização desses homens livres e pobres no pleito por seus direitos e de atuarem como agentes de

transformação social; em seguida, permite que se perceba a inserção da população livre no Império; finalmente, o artista assinalou a opção pela repressão armada e a inabilidade das elites políticas em articular formas de negociação com a população, considerada por essas elites informe e sem capacidade de ações estruturadas. Assim, conforme a narrativa de Agostini, à polícia coube a responsabilidade sobre os atos de violência ocorridos no desenrolar dos acontecimentos.

Subjacente a discussão dos impostos estavam as idéias de soberania e nação, já trazidas para a ordem do dia com a Guerra do Paraguai. Para a imprensa republicana do período, o evento trouxe ainda a oportunidade de discutir o governo imperial e a idéia de nação que se almejava construir. Foi com a cobertura proposta por jornais como O Cruzeiro e a Gazeta de Notícias que o evento ganhou um sentido político diferenciado, na medida em que valorizava o povo como um personagem político e as ruas como um novo lugar da política.

A narrativa de Agostini tentava dialogar, e se contrapor, as outras versões apresentadas no interior da imprensa, travando um interessante debate interno (sobretudo com o Jornal do Commercio e O Apóstolo). Ao mesmo tempo, buscou se distinguir das demais ao apresentar detalhes verificados nos locais onde ocorreram os distúrbios. Entretanto, alguns elementos inseridos nos desenhos esvaziaram a condição de autêntica narrativa de fatos, tornando-se uma tomada de posição: enfatizam o caráter ordeiro do povo e tornou fundamental o papel de uma liderança política no estímulo a cidadania entre a massa não instruída.

A “Revolta do Vintém” foi apenas um entre tantos temas discutidos pelo lápis de Agostini e que tem como pano de fundo uma reflexão sobre as lideranças e práticas políticas locais e o próprio regime de poder instituído, especificamente o alheamento do governo com relação às demandas populares e sua incapacidade para organizar a população brasileira para o exercício pleno da cidadania. Objetivamente não é possível afirmar o caráter republicano de suas observações, mas é inegável que muitas vezes essas se fundaram em vários elementos da propaganda republicana.

A leitura e análise do material humorístico produzido por Agostini oferecem indícios da construção de uma crítica política ora a Monarquia, ora aos seus representantes políticos. Em minha perspectiva com esta produção crítica o humorista se inseriu num movimento intelectual e político que, por não ser participante das instituições políticas formais, buscava integrar e construir formas alternativas de expressão e de intervenção política.

O trabalho doravante é identificar elementos do repertório político-intelectual empregados na produção humorística de Agostini, assinalando como este o auxiliou a sistematizar suas críticas a elite política imperial e como tal emprego tornou sua obra partícipe do debate político.